

**QUARTA-FEIRA**  
Lisboa--7 de Janeiro de 1931

**5 TOSTÕES**

**5.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**242**



sempre  
**fiRe** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. 20271, 20272, 20273  
RUA DA ROSA, 57

# A INDUSTRIA DA MENDICIDADE

«A P. S. P. está fazendo batidas aos mendigos, afim de prender todos aqueles que exercem a mendicidade como industria». — (De O Seculo).

## Grupos profissionais

Um individuo cuja profissão seja carpinteiro e exerça a sua actividade em uma fábrica de automóveis indicará na coluna J:

Carpinteiro

16. Indústria relativa à construção de meios de transporte

Mas, se exercer a sua actividade na construção civil, então indicará

Carpinteiro

15. Construção civil

Fazer sempre por estenso a indicação do grupo acompanhado do número respectivo.

1. Trabalhos agrícolas (todos os individuos que dedicam ao campo a sua actividade).

2. Pesca e caça.

3. Exploração de minas.

4. Exploração de pedreiras.

5. Exploração de pedregalhas.

6. Indústrias têxteis.

7. Indústrias de

32. Comércio de têxteis.

33. Comércio de madeiras.

34. Comércio de couros e peles.

35. Comércio de metais.

36. Comércio de produtos cerâmicos.

37. Comércio de produtos químicos.

38. Hotéis, restaurantes, tabernas.

39. Comércio de géneros alimentícios.

40. Comércio de artigos de vestuário e calçado.

41. Comércio de móveis.

42. Comércio de construções.

43. Pequeno comércio mixto local (mercearia, tecidos, artigos diversos).

44. Comércio de combustíveis.

45. Comércio de objectos relativos às letras, artes e sciências.

46. Comércio não especificados nos n.ºs 32 a 45.

47. Força armada (deve fazer-se a indicação da corporação em que serve o individuo reconhecido).

48. Funcionários do Estado e dos corpos administrativos.

49. Cultos.

50. Profissões judicarias (magistrados, advogados, oficiais de justiça, notários).

51. Saude pública (médicos, farmacêuticos, enfermeiros, auxiliares).

52. Professores (mesmo os do Estado).

53. Profissões liberais relativas às sciências, letras e artes (jornalistas, escritores, pintores, escultores, ocupações teatrais, músicos, etc.).

54. Pessoas vivendes exclusivamente dos seus rendimentos.

55. Serviços domésticos (donas de casa).

56. Serviços domésticos (criados e criadas de servir).

57. Indivíduos momentaneamente sem emprego.

58. Indivíduos definitivamente sem ocupação (aposentados ou reformados).

59. Estudantes.

60. Mendigos, vagabundos, meretrizes.

61. Profissões, empregos, artes, officios ou ocupações não abrangidos em qualquer dos números anteriores.



*João Valença*

da população? Olhe, está ali: é o n.º 60.





## Os ditos da semana



**Lama** A chuva miudinha que tem caído, desde as vespersas de Natal, transformou Lisboa numa coisa peganhenta em que uma pessoa tem de atolar-se quer queira, quer não. As mangueiras municipais tem trabalhado nalgumas ruas, mas a lama recalitra e fica. Ha praças que parecem amassadeiras cheias de massa mole, viscosa, massa de fazer filhotes, massa de bolo rei, massa de broas de especie. Em compensação tambem appareceram nas lojas broas e bolos-rei que pareciam leitões com lama das ruas.

Do que não ha duvida é de que a população comeu de ambas as coisas. Comeu as broas e os bolos porque os pagou e gosta de respeitar a tradição e comeu lama das ruas, porque, quando o não faz voluntariamente, ingerindo a em forma de broa, foi obrigado a enguli-la pelos camions e automoveis que, ainda que a gente não queira, nos atiram com ela, já mastigada, até os gorgomilhos.

Lisboa é, pois, uma terra ideal onde as subsistencias andam aos pontapés e são automaticamente enviadas ao bucho de cada um.

E ainda ha quem se queixe da carestia da vida...

**Agora, sim...** A rua do Arco do Cego ficou marreca.

Dantes era uma rua toda tirada das canelas, muito plana, muito direita.

Porque ficava entalada entre os predios não tinha pontos de vista, mas por isso mesmo, se declarava com toda a sinceridade do cego, do Arco do Cego. Mas ninguem se queixava. Tambem a rua da Boa Vista é da boa vista e não tem vista nenhuma.

De repente, porém, a rua do Arco do Cego começou a sentir-se mal, a inchar, a crescer-lhe uma barriga, com tais proporções, que até já se falava nas visinhanças ácerca do comportamento da rua.

Mas o caso explicou-se satisfatoriamente para a boa reputação daquela arteria citadina! A rua andava descontente, porque sendo do Arco não tinha arco nenhum. Nem uma ondalução, nem uma corcova, nem uma marreca a justificar-lhe o apelido. E tanto pediu, tanto insistiu, tantos empenhos meteu, que, finalmente, lhe deram o tão almejado arco. E' um arco que não é furado como os dos Terreiro do Paço ou do Mar-

quez de Alegrete, mas é um arco.

Está salva a reputação da Rua do Arco do Cego, que assim se ficará chamando com mais razão do que nunca. Do Arco que electivamente tem um arco; do cego porque só um cego é que não vê.

**Vom Var** Na Praça dos Restauradores inaugurou-se ha dias uma magnifica camara ardente, tudo o que ha de mais moderno e mais artistico.

Antigamente, só se entrava na camara ardente depois de morto. Agora — e aqui é que está a inovação — entra se para

lá ainda com vida. Fica-se por ali a fazer horas, e vai-se esgotando até o fim o calix da Amargura, até que chegue a hora de ir de caixão á cova.

A decoração — que não sabemos a que Agencia Funeraria pertence — é o mais a caracter que podia ser.

E' um local avolutamente vom para vem morrer.

**Anuncios** Ultimamente o nosso fornecedor habitual de anuncios tem-nos fornecido menos material para esta secção, naturalmente porque, sendo o «Sempre Fixe» lido por todo o paiz, os seus inumeros anunciantes, quando lançam a mão á pena pa-

ra anunciar, o fazem com mais cuidado para não terem o desprazer de se verem aqui amarrados ao pelourinho.

Em todo o caso sempre ha quem escorregue.

Nós nada temos com a vida particular de cada um, mas quando essas vidas se tornam publicas, vindo expontaneamente ás colunas dos jornais, tambem nós nos julgamos no direito de meter o bedelho.

Ora veja o leitor:

### Reveillon Tavares

31-12-1930

Pede-se ao cavalheiro que esteve só nesta festa dizer onde se pode falar. Carta á R. Augusta, 270, 1.ª, a B. A. 83.

Queira perdoar-nos, gentil senhora, mas nenhum cavalheiro responderá ao seu anuncio, porque V. Ex.ª é duma exagerada exigencia. V. Ex.ª não encontrará no «Reveillon» Tavares, como não encontraria em qualquer outro, um cavalheiro nas condições que deseja.

Cavalheiro que estivesse «só» naquela festa não ha nenhum. Todos os que lá foram tem estado em muitas outras festas. Ou quererá aquele «só» de V. Ex.ª dizer «desacompanhado»? Se assim é, tambem o anuncio ha-de ficar sem resposta, porque, pelo que se depreende, tambem V. Ex.ª lá esteve e sempre havia de estar mais alguém.

Se o anuncio fosse de um cavalheiro chegaríamos á conclusão de que V. Ex.ª era a Susana a quem o Sá escrevia ha anos no «Diario de Noticias», tambem em anuncio:

### Susana

Se sair saia só. Sim? Sou só seu. Sá.

sempre  
**fixe**

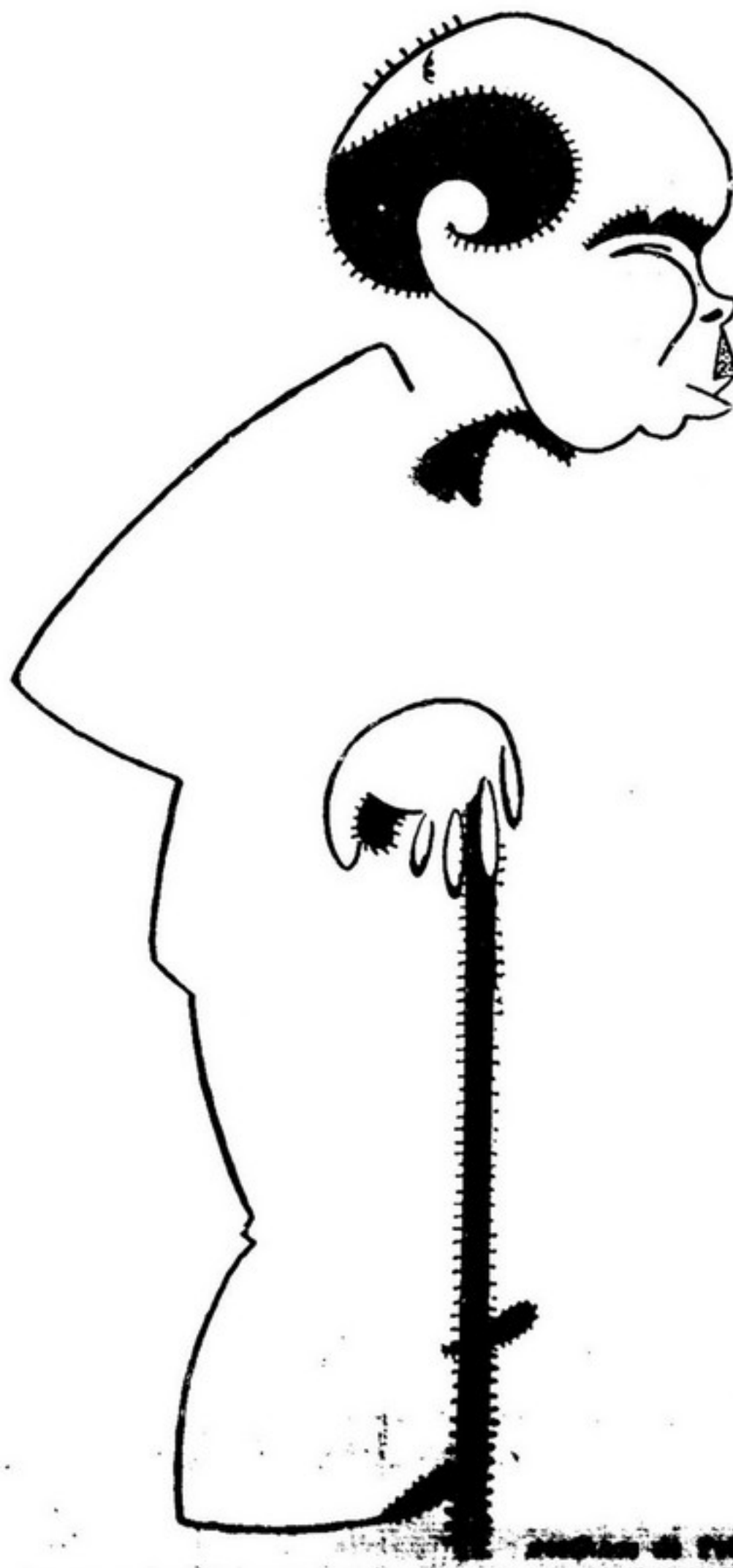
**Expediente** Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
colonias portuguesas.	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

ANUNCIOS tabela.

## ABEL MANTA



Pintor que pinta a manta com os seus quadros modernistas e já se pinta para figurar na exposição de Paris.



# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

Os nossos artistas mudam de profissão como quem muda de casa. Ha as de onze varas, e o teatro é uma delas!

Mas adiante...

Uns, arrastados por uma vocação fulminante, fazem cinema sonoro, que o publico sonoriza com bocejos; outros dedicam-se ao comercio, mas com tanta infelicidade que ficam entalados logo no primeiro negocio; outros ainda lançam-se no jornalismo *magazine* e, vamos lá com Deus!, menos mal, excedendo até a nossa benevola expectativa.

Um deles, porém, foi mais longe. Bateu-os a todos. Como Alexandre Herculano no fim da vida, fez-se lavrador. Referimo-nos a Alves da Cunha, que anda, no Ribatejo, realizando um filme de propaganda agricola.

E' o que se chama... *cavar a vida!*

■ ■ ■

O Nacional vai meter o *Diabo em casa*, de Ramada Curto.

E' capaz de não querer sair! Que pechincha para a bilheteira, hein!

■ ■ ■

AUGUSTO Cunha fez editar, e está sendo representado, um entre-acto intitulado: *O exame do meu menino*.

Fica aprovado com vinte valores... em virtude da consideração que temos pelo papá, muito embora ele se tenha esquecido de nos enviar um exemplar...

■ ■ ■

SEMPRE ha cada *materia prima!* Maria Helena apresenta-se, na *Miss França*, em toda a radiação das suas fórmias plasticas.

Até cega os olhos! Na antiguidade houve outra Helena, tão linda como a nossa actriz, pela qual os gregos se bñteram sete anos às portas de Troia.

No fim, ardeu! No Politeama não ha que reccar esse perigo. Ha bocas de incendio por toda a parte, mas, ainda assim, sempre é de temer um sinistro!

■ ■ ■

CARLOS Leal e, de facto, um dos nossos artistas mais populares. Numa aldeola dos suburbios, um taberneiro amigo e consagrativo baptizou o estabelecimento de *Aldeia de Carlos Leal*.

... e se é homenagem paga alguma coisa...



Como Stuart Carvalhais vê a popular «estrela» de revista Beatriz Costa.



—Pudera. Entrou na «Canção do Berço».

NO Brasil, após a revolução, as companhias duram quando muito três dias.

Por cá a crise é grave, mas não se chegou ainda a tanto. Vamos mais devagar... embora devagar se chegue ao longe que, neste caso, é o Brasil...

■ ■ ■

NO Apolo acabou o *Rei do Cacaú*. Mais um rei para o exilio. Quem sabe: talvez o cacaú, que costuma ser um alimento forte, não caísse bem no estomago dos espectadores. Seja como fór, o Apolo vai meter revista.

■ ■ ■

DO *Diario de Lisboa*:

«Foi feita uma reclamação para que não seja incluida em certa revista uma apoteose que figurou numa outra exibida num teatro popular.»

A isto tambem se costuma chamar plagiato!... Como se vê, não ha em Portugal crise de originaes, o que ha é crise de ideias!...

■ ■ ■

AINDA não ha nenhuma revista intitulada *Prato do Dia?*

Caso não haja oferecemos — e de graça — o titulo aos nossos comediografos. Só lhes recomendamos que honrem a cosinha nacional, apresentando coisa decente, de comer e chorar por mais!

■ ■ ■

QUANDO regressa do Brasil o Estevão Amarante? Já cá faz falta! Será necessario pedir a sua extradicação?...

■ ■ ■

NO Gimnasio, Palmira Bastos está representando o *Rosario*. Se o publico rezar com paciencia e devoção todas as noites, com certeza que a peça deita á Semana Santa...

■ ■ ■

ALFREDO Ruas aparece nas *matinées* do Avenida como domestificador de cães.

Devem ser muito mansinhos! Os nossos, e as de muita gente, costumam metter furiosos...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



# Graça aos outros

— Você dorme com as lunetas postas?  
 — Sim, senhor!  
 — Porquê?  
 — Porque, se me deito sem elas, quando sonho não conheço as pessoas...

\* \* \*

— Mãe, o que é uma pergunta indiscreta?  
 — É uma pergunta a que se não pode responder!  
 — Pois olha, mãe, na escola o professor só me faz perguntas indiscretas!...

\* \* \*

— O que queres?  
 — Vinha perguntar se precisava dum empregado de escritório...  
 — Tenho muita pena, mas não preciso. Eu faço todo o trabalho sózinho.  
 — Ah! era isso exactamente o que me convinha!

\* \* \*

— Acabo de vê-lo roubar uma carteira cheia de notas! Isso é uma infâmia!  
 — Mas que escrupulo, cavalheiro.  
 — Nem mais uma palavra. Desde esse momento formamos uma sociedade. E, como bons socios, comecemos por repartir esse dinheiro...

\* \* \*

De madrugada:  
 — Então você traz a minha filha para casa a estas horas?  
 — Peço-lhe desculpa, mas é que eu tenho de entrar para o escritório às 8 horas...

\* \* \*

— Então, deste cabo da tua herança!... No teu lugar, guardava alguma coisa para futuras contingências...  
 — Que queres? Sou inimigo dos imprevistos...

\* \* \*

No parque:  
 Ela: — Que tristeza tão grande! Que melancolia! Cáem as folhas!  
 Ele: — Não estejas triste por isso, minha filha! Eu apanho-as...

\* \* \*

Entre amigas:  
 — O meu noivo gasta um dinheiro doido em flores! Não quero que ele se habitue a essas despesas...  
 — Não te inquietes... Daqui a pouco estão casados!...

\* \* \*

— Minha mulher fala quatro idiomas.  
 — E entende todos os quatro?  
 — Não, só um, felizmente!...

## As meninas d'hoje



— Como está você?  
 — E a mãe de você?



—O patrão pergunta se não vem incomodar...

# Um gatuno

Ha dias ja que nos escritorios da Italcable se notava com natural e crescente estranheza um fenomeno arrelizador: desapareciam misteriosamente sobretudo e gabbardines, quasi na bochechas dos respectivos donos

O caso foi participado na Policia, tendo sido o agente Baldy Belem encarregado das investigações. O qual, não obstante ser poliglota, só fala quando lhe convém, e começou a trabalhar para descobrir o misterio.

Dirigiu-se, como é natural, ao local do «sinistro», estudou o campo das «operações» e reparou num letreiro que existe logo á entrada da Italcable e que tem os seguintes dizeres: «Sigilo absoluto». E' esta uma das recomendações da casa, que é cumprida religiosamente.

O agente, depois de alguns minutos de reflexão, deduziu:  
 — Sigilo é segredo... segredo é mutismo... o complemento do mutismo é a surdez...

E, nessa conformidade, pôs-se á procura dum surdo-mudo que se lhe tornasse suspeito. Não lhe foi muito difficil a ardua e trabalhosa tarefa. E, assim, prendeu o primeiro surdo-mudo que se lhe tornou suspeito, precisamente por ser o unico que não abria bocca para se declarar pessoa honrada e de bons costumes.

Levou-o até ao palacio do T. T. T. e começou por fazer varias gestas e sortes de prescricções, sem que o surdo-mudo correspondesse á chamada.

Novos gestos, novos sinais, contracções de rôsto, batei com os calcanhares no chão e nada... Voltou a fazer sinais de telegrafia Morse, batendo com o tacão da bola no chão e o surdo-mudo nem se movia.

O agente Beldy, como bom sinalheiro que é, não abandonou o seu posto, e a certa altura o surdo-mudo, atrapalhado com o alfabeto Morse do agente, não teve mão em si e desatou a falar como um papagaio, por reconhecer que era impossivel continuar a explicar-se por meio de sinais e guinchos com tal sinalheiro.

— Então você é surdo-mudo, e já fala?! — perguntou o agente.

— Sou cego de nascença mas vejo só o que é preciso...

O agente Beldy Belem exclamou:

— Isto é um paradoxo! Isto é um paradoxo!

E, dirigindo-se aos colegas que assistiam á exhibição de sinais, disse:

— Vocês não querem saber? Descubri o método de fazer falar os surdos-mudos e dar vista aos cegos... Se isto se sabe lá fóra, passo a ter uma clientela maior que o dr. Ascare. Vocês são testemunhas d'este facto.

O pior foi quando se averiguou que o preso nem era surdo-mudo nem cego. Era um gatuno vulgar que se aproveitava da ignorancia das autoridades para enganar e enganando centenas de pessoas que o tomavam por pessoa honesta.

# Maus habitos

Inacio da Luz era boa pessoa e muito equilibrada, mas tinha um defeito: mostrar que sabia tudo, que conhecia tudo e que nada o surpreendia.

Fôsse a mais extraordinaria descoberta da sciencia, o mais moderno invento, ou qualquer assunto de sensação, o amigo Inacio respondia sempre: — «Já sabia, já sei, já conhecia».

Eram estas respostas quasi certas quando se conversava com ele.

Quando correu o boato de que o monumento dos Restauradores estava rachado, o nosso protagonista teve esta exclamação ao lêr a noticia nas gazetas:

— Já sabia, já tinha visto!  
 Um prodigio de memoria.

Quando um amigo lhe affirmara que a Grande Guerra tinha terminado, o grande Inacio respondera com a sua superioridade habitual:

— Ora, já sabia!  
 — Mas, já sabias o quê — regou-gou o outro, mal humorado.

E o Inacio, sem se desconcertar:

— Já sabia que acabava hoje.  
 Ainda o «Do. X.» não estava construido e já ele sabia, já tinha visto o aparelho no ar!...

Ha dias, conversando com o Claudino, seu amigo de infancia, a conversa generalizo-se sobre mulheres e de mulheres para as coisas que as mulheres teem...

— Uma coisa a que acho muita graça — disse o Claudino — é a um sinalzinho preto numa cara bonita, tentadora.

— Eu tambem! — concordou o Inacio.

— Mas, deves saber, igualmente, que os sinais particulares não são no rôsto!

— Já sabia.

— Por exemplo — prosseguiu o Claudino, baixando a voz e em ar de confidencia — a minha mulher tem uma môsca um pouco acima do assento...

Ainda ele não tinha acabado e logo o Inacio respondeu prontamente:

— Bem sei. Já vi.

Claro está que desta feita o nosso Inacio apanhou do seu condiscipulo duas bem assentadas galhetas que o forçaram a vêr, não o sinal, mas as estrelas!...

JOTA.

## TABOLETAS DE LISBOA

Não sei se tem taboleta isto de que vou falar; mas é coisa tão faceta que só de nela pensar me sobe a tinta a caneta.

Por muito que o leitor possa prevêr de nomes que se prestem á laracha, não pode acreditar, não pode crêr que exista muito a sério e p'ra valer uma: Empresa de Solas de Borracha.

Salta á vista a confusão, seja dito sem desdouro: porque a sola, em conclusão, é sempre filha de coiro, mas de borracha é que não.

E profundando o assunto... cabedal, pode-se argumentar de outra maneira: — é que a borracha é droga vegetal, que se extrai, creio eu, da borracheira, e o coiro, salvo seja, é animal

ANTONIO AMARGO.



... Comemos pão negro mas o pão mas temos mais cores que os homes de Lisboa!



# Cacharolete

Francamente não diviso,  
Por mais que o futuro explano,  
Nem o dia de juízo,  
— Que se torna tão preciso —  
Nem o juízo do ano.

Ninguém me contestará  
Que no mundo meio louco  
Anda tudo ao Deus dará,  
E quasi que já não ha  
Quem d'anos entenda um pouco.

Diz-me Auzenda, sempre bela,  
Sempre com ares levianos,  
Que os anos passam por ela  
Com tão amavel cautela  
Que até nem dá pelos anos.

Alguns banqueiros sem sizo,  
Como Counhagos, Pianos,  
E outros mais que não preciso,  
Viram ir para Juízo  
Seus economicos anos.

E um delicado conzei,  
Que é mais lindo que Narciso  
E já tem ido ao Torel,  
Diz, co'a fala a escorrer mel,  
Que os anos não têm juízo.

Depois de ouvir este aviso,  
Não falei a mais fulanos.  
Se os anos não têm juízo,  
Coisa alguma profetiso  
Sobre o juízo dos anos.

JOÃO FERNANDES.

## — Vou para Angola!

O nosso Carlos Bleck  
achata o «béque»  
a todos os pessimista,  
derrotistas,  
que negam valor, acção  
à briosa Aviação.

Depois de ir á Palestina,  
onde a mofina  
da sorte o motor parou,  
nunca o Bleck deixou  
de pensar  
em ir p'lo ar  
a um local  
do Imperio Nacional.

Macau, Moçambique, Gôa,  
já haviam a Lisboa  
sido ligados p'lo ar  
e, assim, teve de pensar  
em partir p'ra outra banda.  
— Lisboa-Guiné-Loanda!  
foi o caminho escolhido  
pelo joven destemido.

As antigas caravelas  
levavam a cruz nas velas,  
e o nosso Carlos Bleck,  
que quiere achatar o «béque»  
a varios tipos llrús,  
levou... Humberto da Cruz.

O HOMEM DOS TIMBALES.

## Um rapaz exigente

O Zuco era um garoto endiabrado  
A quem os pais achavam muita graça,  
Não havia p'ra ele uma negaça.  
Faziam-lhe as vontades de bom grado.

Um dia passavam, lado a lado,  
O pai e a mãe, quando por eles passa  
Uma vitela, e o Zuco, por pirraça,  
Põe-se a chorar, num pranto desalmado.

O pai, olhando a mãe com certo olhar,  
Prometeu-lhe, para o fazer calar:  
— «Havemos de te dar um bebésinho.»

Mas o rapa: berrou, bateu os pés,  
E disse: — «Eu cá não gosto de bebés.  
Quero antes que me deem um botésinho!»

BRAZ SERENO.



— Não valé a pena... é minha mulher.



A canção do berço... a tumba a leva

# A retalho

Os grande jornais de Lisboa e Porto, assim chamados pelo tamanho e numero das suas paginas, continuam, como se disso precisassem, a querer competir com o nosso *Sempre Fixe*, em graça.

Ora façam favor de ver como, a tanto por linha, se permite que se escrevam tolices:

«Colhendo hoje uma flôr no jardim da sua preciosa existencia o meu querido marido. Vem por este meio manifestar-lhe a sua alegria, enviando-lhe muitos parabens, a sua esposa.»

E este:

«E' hoje ao romper da aurora que os rouxinóis cantam na nomeação das 27 deliciosas primaveras, que a sr.<sup>a</sup> Rosa vai ao jardim da sua existencia colher.

Mil parabens de suas cunhadas  
A. M. C.—M. M. C.»

O terceiro:

«Passa hoje o seu 38 aniversario natalicio o sr. X., consuetudo comerciante da praça do Porto. Por tão faustoso dia enviam os mais sinceros parabens e felicitam-no pela passagem de tão consagrada data os seus empregados que habelosamente se subscrevem.

L. A. A. J. A.

Mais alguns:

«... a mãe fama que fasso da sua cabeça. Não me zango com

quem tanto quero. Tentando esquecer-la. — A. A. P.»

«RAPAZ, para crado de 15 a 18 annos forte, que saiba lér para dentro. Falar depois das 10 horas. Farmacia, Rua Mousinho da Silveira, n.<sup>o</sup> 253.»

\*\*\*

Uma gralha engraçada:

«Encontra-se gravemente enferma a sr.<sup>a</sup> D. S. G. que por esse motivo guarda o leite ha dias.»

\*\*\*

A fechar:

Um pandego, conhecido pelo «Rei da Madureza», responde, na Boa-Hora, por, estando «pingado», dar duas bofetadas numa visinha. O arguido, como o popular Ferreira, que toda a Lisboa boémia conhece, tinha a mania da versalhada. O juiz Sena Sarmento interroga-o e o «Rei da Madureza», depois de contar a scena, naturalmente a seu modo, termina assim: «E aqui tem Vocelencia como se passou a ocorrência...»

O magistrado sorriu e, atendendo ao bom comportamento anterior do arguido, absolveu-o, não sem que fizesse a costumada preleção, que o «Rei da Madureza» sempre proferia, tendo ao fim do seu discurso:

Viva a Justiça portugueza  
Que absolveu o «Rei da Madureza»!

# Elevador da Gloria

Entre amigos:  
— Tua mulher é muito bonita!  
E como dona de casa, que tal é?  
— Não é lá muito boa! Mas se ouvisses como ela canta!  
— Eu, no teu lugar, tinha comprado um canario...

\*\*\*

Resposta de creança:  
— Mamã, posso sair para ir brincar com o Julio?  
— Não, que ele é muito antipatico e malcreado!  
— Então, posso sair para lhe ir bater...

\*\*\*

— Papá, foi muito caro o frasco de tinta que trouxeste ontem?  
— Não, filho, tirei-o no escritorio!  
— Então, porque é que a mamã me bateu tanto por eu o ter entornado?...

\*\*\*

O patrão: — Disse ao cobrador que o senhor tinha partido para a America?

A creada: — Sim, senhor! E que só depois de amanhã estaria de volta...

\*\*\*

Namorados:  
Ele: — Sabes que diferença ha entre um carro electrico e um automovel?

Ela: — Não!  
Ele: — Pois, então, iremos no electrico...

\*\*\*

— Minha mulher matriculou-se num curso de cosinha!  
— A minha tambem!  
— A proposito: que tomas para a tua dôr de estomago?...

\*\*\*

Entre novas ricas:  
— Em questões de dinheiro tomo sempre as minhas precauções. Todas as noites escondo a carteira do meu marido sob a almofada!  
— Já eu não posso fazer o mesmo! Era-me impossivel dormir com a cabeça tão alta...

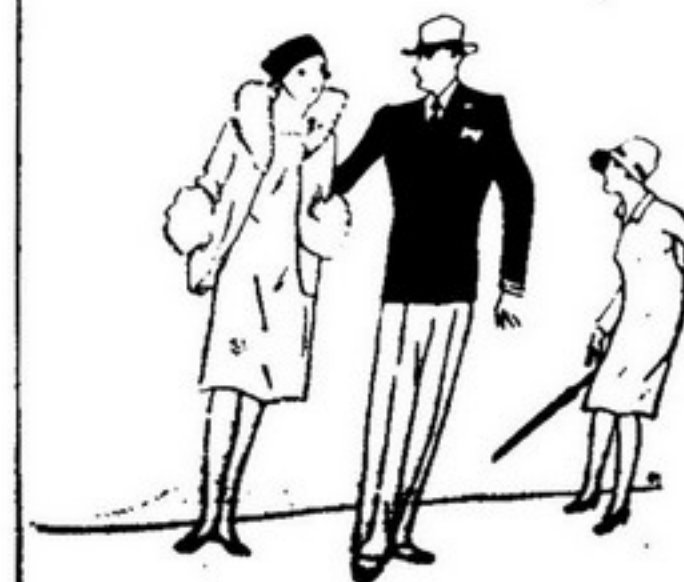
\*\*\*

No tribunal:  
O juiz: — Que idade tem a senhora?  
A ré: — Tenho 25 anos!  
O juiz: — Bem, adiante! Comprende que não posso estar aqui toda a vida a discutir comsigo...

\*\*\*

Entre amigas:  
— Não calculas a quantidade de vezes que me tem pedido para eu casar.  
— Quem?  
— Meu pai!...

## Embaraço natural



No teatro:  
A esposa: — Quem é essa mulher? Parece que te conhece muito.  
O marido: — Não é ocacondissas, minha querida. Lembra-te que amanhã terel que lhe explicar quem eras tu...



## A BAILARINA

Naquela noite de inverno rigoroso, ela chegou ao Grande Hotel. Bonita e elegante, ao transpôr as portas do hotel, os olhares voltaram-se curiosos e um perfume exótico se espalhou.

Ante uma fila de *grooms*, perfilados, a moça passou e um deles, habituado a conhecer os hóspedes pelo andar, segredou ao parceiro do lado:

— É bailarina.

O rapaz não se enganava. Trabalhava-se, com efeito, da bailarina russa Olga Rasponkova que, dirigindo-se ao porteiro, interrogou:

— Tenho reservado o quarto que ante-ontem marquei de Madrid?

— Sim, minha senhora.

— Qual é?

— O 232.

A russa recuou um pouco, como que assustada, exclamando:

— Maldição! É capicua!

E, fingindo serenidade, voltou:

— Chegou uma carta dirigida para o meu nome?

— O seu nome, minha senhora?

Após a resposta da bailarina, o porteiro passou-lhe para as mãos uma carta, desaparecendo em seguida Olga, que se dirigiu, apresada, para o seu quarto.

Despedido o *groom*, a bailarina, sentando-se num sofá, começou a chorar copiosamente, como se o maior desgosto a tivesse ferido.

— Esta carta! Esta infame carta! E ela que não viesse! — gemia a pobre.

Decorreram algumas horas e só então Olga se resolveu a abrir a carta que tanto a incomodara — uma carta igual àquelas outras que, havia dois anos já, vinha recebendo sempre que chegava a qualquer terra.

Com efeito, esta que acaba de receber continha as mesmas palavras das outras, o que deixou a bailarina desesperadíssima. Dizia assim:

«Senhora D. Olga Rasponkova: — Ainda que a senhora seja um número de «valor» em todos os «music-halls» famosos; ainda que lhe paguem dois mil e quinhentos francos por noite; ainda que a senhora pertença à escola de Isadora Duncan, fique a senhora com a certeza de que não sabe dançar.»

Olga, embora habituada a estas missivas provocadoras, sentiu um golpe profundo e perdeu os sentidos.

De manhã, um pouco refeita do desgosto, resolveu abandonar o Grande Hotel.

Alguns *grooms* voltaram a perfilar-se, respeitosos, fazendo jus a uma boa gorgeta. Já Olga se preparava para tomar um *taxi*, quando o porteiro, correndo para ela, exclamou:

— Minha senhora! Esta carta que acaba de chegar.

Olga pegou no envelope. Era perfeitamente igual a tantos outros que tinha recebido.

— Muito bem. Obrigado! — murmurou com aparente serenidade. E, para não dar a conhecer o disabor que lhe causava aquela missiva, resolveu abri-la, serenamente.

O misterio desvendava-se, porque resava assim:

«Senhora D. Olga Rasponkova: — Durante dois anos temos-lhe dirigido 191 cartas iguais, em que lhe fazíamos sentir que, apesar da sua fama como bailarina, a senhora não sabia dançar. Nunca foi propósito nosso magoá-la. O nosso propósito — que hoje descobrimos — é levar ao seu conhecimento que a senhora pode chegar a aprender a bailar perfeitamente, se frequentar durante apenas um mês o nosso admirável curso de baile

**A GRAÇA ESTA' NOS PÉS**  
Casa fundada em 1916  
775, Avenida Casal Ribete  
Lisboa — Portugal

Com este conselho, que nos é muito grato dar a vossa excelência, somos atentos, veneradores,  
Rodrigues & Rodrigues.»

## Prosa de Cha-Velho



M.º Rogério Pires

Luciano Moreira  
Um desire Bonnier Féris  
et un ravel Annie  
plais de Prosperité

N. do Ouro, 261

LISBOA

Começaremos por acentuar que a insistência com que ultimamente nos temos ocupado do professor-toureiro Luciano Moreira não obedece a outro propósito que não seja o de rehabilitar o conhecido bandarilheiro, isto é, de convencermos toda a gente que onde alguns supunham existir um vaidoso existe apenas um tipo curioso, característico e merecedor de simpatia.

Assim, quando o quasi veterano Luciano, já com barriguinha e sempre com seus caracóis e sinais, sai para bandarilhar e se desvia um pouco da recta e do oicho, ninguém lhe deve berrar com antipatia nem causticá-lo com gritinhos.

Antes se deve esperar que ele crave os ferrinhos, «sobaquillando» mais ou menos, para depois se lhe prestar a justiça que merece.

Assim é que está certo!

Porque não ha direito de irritar uma figura que, em terra de vulgaridades, tem o condão de ter personalidade, de reunir tanta coisa típica e original que bem ganha deve ter a definitiva popularidade.

E não se pode esquecer que a Luciano devem o pouco ou nada que sabem muitos profissionais e até alguns medicos que ele adentrou para a vacada do 5.º ano, 1.º de curso para os proximos «culapios».

Fiquemos, pois, em que Luciano não deve ser hostilizado mas antes sagrado como figura típica e representativa do nosso toureiro. Nas praças, por seus fatos caprichosos e vistosos capotes, e nas ruas por seu côco inglês e flôr na botocira, sempre Luciano marca correcta e esmerada educação.

E deixem lá os que não podem ver uma camisa lavada a ninguém, e quem diz uma camisa diz as restantes peças da indumentaria.

E, para provarmos a razão que nos assiste em popularizar Luciano Moreira, publicamos um delicado bilhete que dele recebemos, ilustrado com a cabeça própria e com termos proprios da sua cabeça e escritos mais ou menos em francês e após a sua recente viagem a Paris.

PEREZ LA CHAISE.

## NO "REVEILLON"



Um fango começado a dançar num ano e acabado nouro, ou um fango de legua e mela.

## A TRAGEDIA

O Anjo do Mal, disfarçado em amigo íntimo, penetrou em casa do Prudencio Galinha, roubou-lhe a esposa e elevou-o á invejável situação de marido infeliz.

O Prudencio sofreu muito com aquela felicidade desfeita, aliás meia desfeita porque a ex-fidelíssima esposa, essa vivia o mais feliz que vossas excelências podem imaginar. O desgraçado andava sempre a falar sósinho e tinha mesmo uns olhos que eram de meter medo.

Na vespera do Natal, Prudencio recolheu um pouco mais tarde a casa. Uma figura esguia, horrível e sinistra aproximou-se dele e, com um sorriso inedito, entregou-lhe um cartão. Prudencio parou, recuou uma enorme quantidade de passos e perguntou-lhe:

— Quem és tu?

— O guarda-nocturno! — respondeu-lhe com uma vozinha meliflua a figura esguia, horrível, etc., etc. — Sou eu quem guarda a casa onde vossa excelência habita.

Prudencio leu o cartão, empalideceu, cambaleou e com uma voz sibilina ululou:

— Boas Festas! Vens dar-me as boas festas a mim e a toda a minha familia. Miseravel, não sabes que não tenho mulher? Tu, que dizes guardar-me a casa de noite, deixaste que ela fugisse na companhia dum sátiro.

— Só se ela fugiu pelo telhado, porque pela porta não a vi sair.

O Prudencio recolheu a casa e toda a noite dormiu sobressaltado. Na manhã seguinte, um violento toque de campainha acordou-o. Era o correio com uma carta e um cartão de visita.

A carta era do ex-modelo das esposas e mandava pedir ao Prudencio o resto da roupa que ainda tinha em casa, e o cartão era de boas festas. Enquanto o carteiro se sorria e se conservava na atitude de quem agradece, o infeliz Prudencio ia tendo umas poucas de sincofes:

— Miseravel! Vergonha dos carteiros! Vens entregar-me as boas festas junto á carta mais perfida que jamais foi estampilhada com um selo de cruzado. Desaparece da minha vista.

Começava mal o dia para o desgraçado Galinha. Ainda não tinha socegado e um novo personagem vinha amargar-lhe a existencia.

— Que me quereis? — inquiriu o Prudencio com uma cara de quem perdeu a sorte grande do Natal por um numero.

— Eu venho apresentar as boas festas a vossa excelência e a toda a sua familia. Sou o sacristão da area. Sou eu quem assisto ás confissões da sua dignissima esposa. Dei-lhe até a tomar a hostia algumas vezes.

— Ah! bandido! Então tu assistias ás confissões de minha mulher. Sabias então que ela me atraçoava e nunca m'o disseste!

— Oh senhor! Juro-lhe que não sabia. Disso nunca ela se confessou. Acredite que fui o ultimo a saber. Só agora o soube. Quem havia de dizer! Uma senhora tão prendada!

— Era. Era uma boa prenda!

E, ao dizer isto, o Prudencio fechava com estrondo a porta na cara do sacristão.

Durante o resto do dia, o Prudencio não levou noutra coisa que não fosse a receber cartões de boas festas. Agora era o cobrador da associação de socorros mutuos. Logo o homem dos jornais, depois o galego da esquina, o homem do talho e toda a enorme irmandade que, numa amizade profunda, nos deseja as boas festas e agradece.

\* \* \*  
O desgraçado do Prudencio endoideceu e quem o quiser ver é a bater ás portas dos maridos infelizes como ele e a entregar cartões de boas festas.

FERNANDO D'AVILA.



## O menino enforcado

Este senhor Grazina deveria encontrar para esposa, uma legantíssima cifra, porque reúne todas aquelas qualidades que impõem certos indivíduos como... grandes números.

A semana pasada fui vítima das suas extraordinárias qualidades porque este fenómeno teve o mau gosto de ir parar com os ossos á mesma casa onde eu costumava guardar, todas as noites o meu impecavel esqueleto.

Ora estava eu lindamente posto em socego, de uma soneca sorrendo o doce fruto, quando a voz do senhor Grazina, do quarto ao lado do meu, irrompe do fundo das suas respeitáveis entranhas e com um grande sussurro dado com ferros da cama me faz dar um pulo assustadico.

Ainda tonto de sono, ouço a voz do Grazina berrar, colérica:

— Nunca! Nem que me matem... Eles o que querem é roubar-me o menino!

Confesso que enfiei. Não conhecia o sr. Grazina como possuidor de nenhum petiz. Onde fóra ele desencantar o meudo?

Não gosto de escutar ás portas, mas desta vez... Quem sabe se não iria esclarecer o misterio de um crime...

Apuro o ouvido e recuo horrorizado. O sr. Grazina vociferava:

— Diga lá a ele que escusam de teimar. Não vou enforcar o menino por trescentos mil réis...

Esfreguei os olhos. Olhei o quarto. Fui ao espelho. Estaria a ser vítima de um pesadelo? Estaria eu ainda a dormir?

A voz do Grazina lá estava insistente:

— Olhe, prefiro fazer o menino em pedaços...

O coração batia-me fortemente. Vi geitos de arrombar a porta do quarto e saltar sobre o miseravel para lhe perguntar onde estava a creança, aquele misterioso menino que ele estava disposto a enforcar se lhe dessem mais alguma coisa de que os trescentos escudos.

Só então reparei que não estava capaz de aparecer deante da policia, quando esta acudisse aos meus gritos e ao escandalo que o miseravel deveria fazer ao sentir-se filado por mim. Vesti-me á pressa. Já não ouvia as vozes. O miseravel deveria perceber que fóra ouvido. Prudentemente, calava-se.

Quando só me faltava vestir o casaco, apurei de novo o ouvido. Grazina, mais calmo dizia:

— Não é a estimação que eu tenho pelo menino. O que eu não quero é ficar prejudicado. Você compreende que é esse o meu lucro... Você, se eu lhe mostrar o menino, vê logo que o negocio que me propõe é um roubo... Daqui não arredo pé... Se quiserem o menino, hão de largar meio quilo dele. O menino não sai das minhas mãos sem me chegarem á conta.

— Ladrão de creanças! Bandido! — exclamei eu, fóra de mim. — Espera, miseravel, que vais saber que ainda ha justiça!

Estalaram do outro lado da porta duas estrepitosas gargalhadas e logo a voz do Grazina ajuntou:

— O visinho, agora, entrou com piada. Venha tomar um copo de vinho do Porto comnosco...

Fui, um pouco envergonhado, procurando não destoar nem diminuir o efeito da minha tirada.

E só então compreendi tudo. O menino era... um Menino Jesus em marfim e o Grazina negociava em antiguidades...

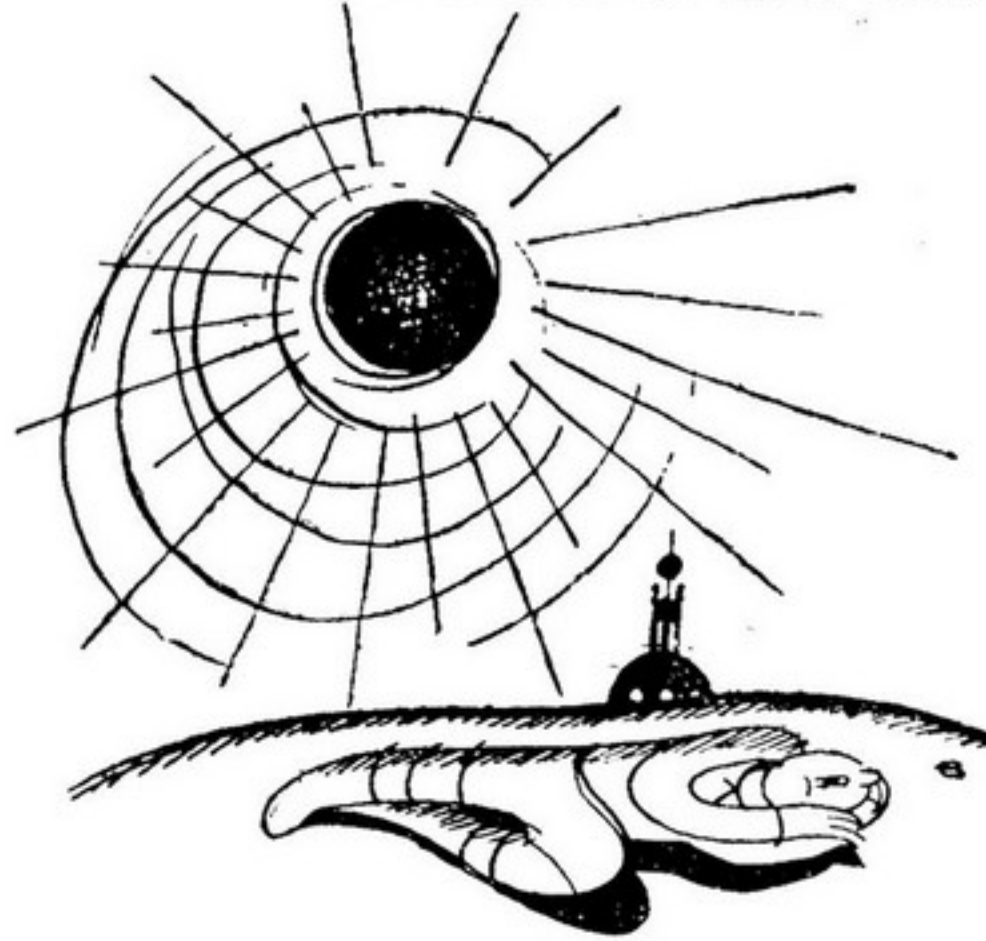
E. F.

BARBIE-SE COM LAMINAS

As de mais fina tempera

# DESSPORTOS

## Um meteóro...



que não se viu em Lisboa e não brilhou na provincia

## A PISA DAS UVAS

Um sujeito lavrador,  
Ao começar a vindima,  
Procurou o regedor,  
O cabo d'ordens, a prima,  
e tambem o ferrador.

Falou a todos da aldeia,  
Rapazes e raparigas,  
Que convidou p'ra uma cela  
Com concurso de cantigas  
Em pagode de mão cheia.

Era certo um «Jazz-band»  
Que tinha mandado vir  
Com um tambor muito grande  
E ferrinhos p'ra tenir  
A fim que o prazer trezarde.

Sondo de graça a função  
Nada tinham que pagar,  
Mas por mera condição  
Todos tinham de dançar  
Fazendo dos pés pilão.

Houve alguém que se ofendeu  
Não ficando pelo ajuste,  
Mas quem saiu só perdeu

A pandega, que do embuste  
Uma bela noite deu.

E todos já descalçados  
Saltam dentro do lagar,  
Alegres, entusiasmados,  
E ao som do «Jazz», a ballar,  
Nunca ficaram parados.

Tanto dançaram os pares  
ue a uva ficou espremida  
E sem que houvessem azares  
Toda a gente agradecida  
Regressou contente aos lares.

Mas quem ganhou com certeza  
Foi o esperto lavrador  
Que, com pequena despesa,  
E vantagem superior,  
Se serviu da madureza

Dos outros qu'rerem dançar,  
Entregues á sá folia  
Duma noite pandegar.

Pois cada um lhe esprenta  
As uvas do seu lagar.

ALEXANDRE FILIPE BETTAS.

## EXPERIENCIA



E' curioso que em dias de festa eston sempre «tezo!»

## Uma corôa, oh graxa!

Graxa. Perfil de milagre. Olho em contorsões estrábicas. Zig-zag azul escuro, manchado aqui e acolá, e que a lama projectada pelas rodas dos pesados que passam faz ainda mais *arc-en-ciel*.

Graxa. Graxa. Graxa. São mesmo por vezes impertinentes.

Insistem e se o Fulano ou S. crano passa indiferente á graxa — o Graxa envia o seu gracejo picante, apimentado.

Espirito neo-graxa. Mas se Beltrano decide fazer



limpar ou lestrar as «luvas inferiores», então o Graxa faz sorrisos e toma um certo ar dominante perante os colegas.

Graxa. Graxa. Uma corôa oh graxa!

São todos diligentes, manejando conforme o «andante» da vida asmatica que vai correndo.

São braços demasiados num trabalho onde a concorrência ultrapassa a logica.

São mentalidades onde o negro-me da graxa não dá sequer o mais pequeno polimento.

Não sei — porque ainda não aprofundei o porquê de tantos braços moços a darem graxa — mas parece-me, vista a questão superfluamente e sem conseiras, que o Graxa é uma resultante do após-guerra.

E por isso merece a indulgência, como indulgência merecem todos os casos cuja base assenta na razão logica das circunstancias.

CANFAS.

## Quereis dinheiro?

Jogai no

# Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

O proximo numero do

# KINO

sal ámanhã

COM 12 PAGINAS



# ECOS DA SEMANA

ENTROU BASTANTE MOLHADO O NOVO ANO TENDO HAVIDO BOAS ENTRADAS E MELHORES SAIDAS NAS TERTULIAS DE LISBOA



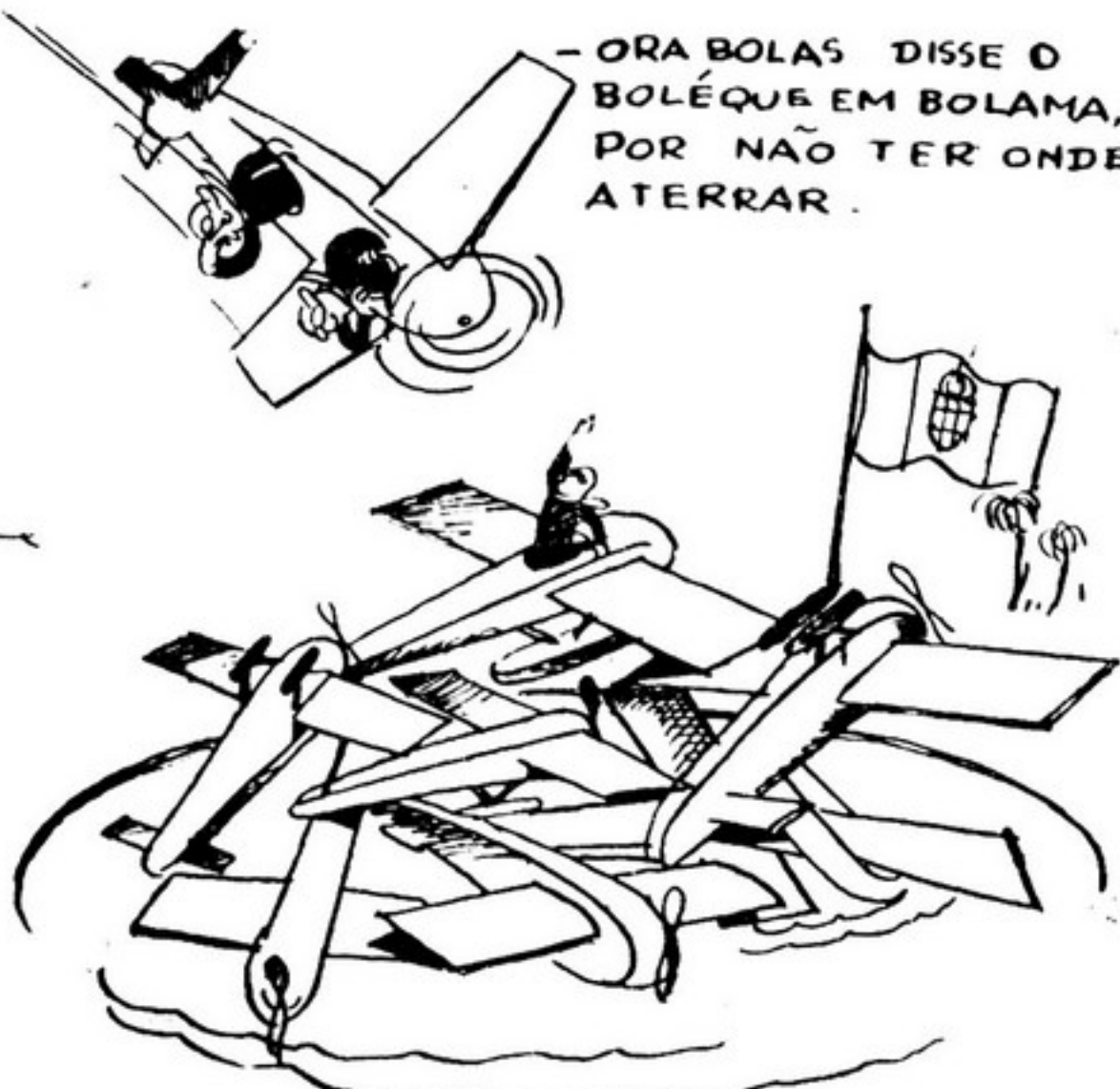
A OPERA RUSSA E O ESPECTACULO MAIS RICO EM VITAMINAS PARA A CACHIMONIA E EM QUE NAO HA NADA EM BAIXO PORQUE ATE O BAIXO E ALTO



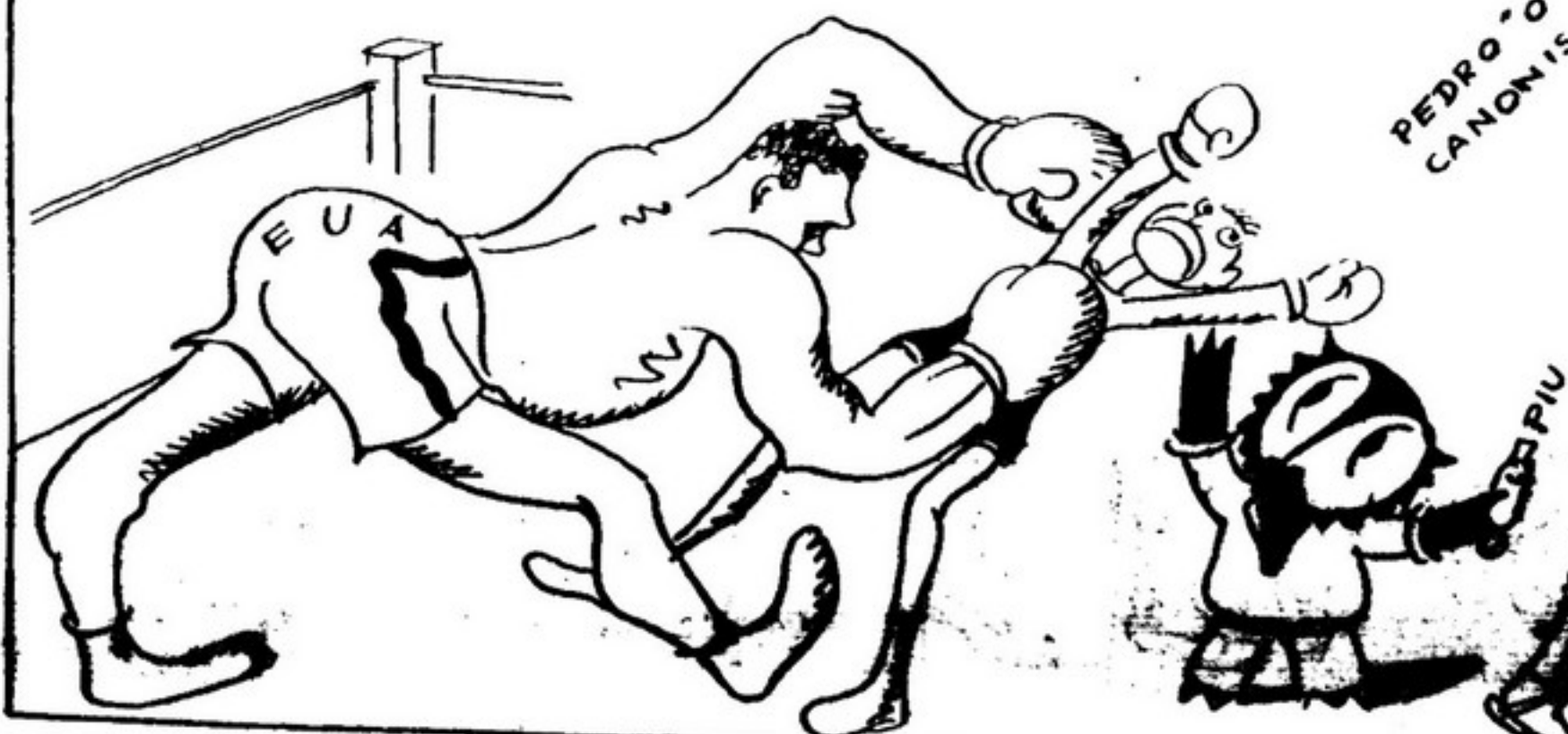
MUSSOLINI ESTA AMIGUINHO - MUSSOLINI TEM HORROR A GUERRA E SO QUERE A PAZ



- ORA BOLAS DISSE O BOLÉQUE EM BOLAMA, POR NAO TER ONDE ATERRAR.



NATURALMENTE OS ADVERSARIOS DO CAMARÃO TEM SIDO TODOS UNCS "ROBERTIS"



PEDRO "O GRANDE" CANONISADO



DIGA-SE DE PAS SAGEM QUE UM HABITO DE S.TIA CO NAO E DAS COI SAS MAIS PRATI CAS PARA UM MASTRO